



DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

EMANUELA PEREIRA DE OLIVEIRA

**Bertha Young e a Desconstrução do Patriarcado:
a epifania em *Bliss*, de Katherine Mansfield**

Guarabira – PB
Novembro de 2011.

EMANUELA PEREIRA DE OLIVEIRA

Bertha Young e a Desconstrução do Patriarcado: a epifania
em *Bliss*, de Katherine Mansfield

Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^a. Ms. Monaliza Rios Silva.

**Guarabira – PB
Novembro de 2011.**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

O48b Oliveira, Emanuela Pereira de.

Bertha Young e a desconstrução do patriarcado [manuscrito]: a epifania em Bliss de Katherine Mansfield / Emanuela Pereira de Oliveira. – 2011.

18 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras e Artes) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2011.

“Orientação: Prof^ª M^ª. Monaliza Rios Silva”, Departamento de Letras.

1. Mulher. 2. Desigualdade social. 3. Sociedade inglesa. 4. Diferenças sexuais. I. Título.

21. ed. CDD 305.42

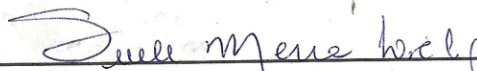
FOLHA DE APROVAÇÃO

O artigo foi aprovado em 29 de novembro de 2011, no qual obteve nota 8,0
(oito).

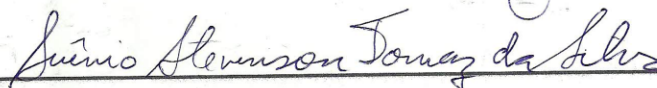
BANCA EXAMINADORA:



Profª. Ms. Monaliza Rios Silva (Orientadora – DL/CH/UEPB)



Profª. Drª. Sueli Meira Liebig (1ª Examinadora – DL/CH/UEPB)



Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (2º Examinador – DL/CH/UEPB)

Guarabira – PB
Novembro de 2011.

RESUMO

O presente artigo fala da posição ocupada pela mulher na sociedade patriarcal inglesa do século XX, dos limites que lhe eram impostos por esta sociedade e das desigualdades de oportunidades devido às diferenças sexuais. Analisa a identidade feminina de acordo com as obras de Hall (2006) e Zinani (2006). Em *Bliss*, de Katherine Mansfield, faremos um breve estudo da vida da protagonista Bertha Young, verificando o sentimento de êxtase vivido pela mesma em um único dia, além de observar a ironia que a narradora sugere com essa “explosão de felicidade” vivida pela protagonista. Essa sensação desperta na personagem desejos libertários que eram inalcançáveis para a mulher da época, diante do patriarcalismo inglês.

PALAVRAS-CHAVE: Patriarcado. Gênero. *Bliss*. Epifania.

ABSTRACT

This paper aims at analyzing the position of women in the English patriarchal society in the nineteenth century. Moreover, it also aims at observing the limits that women had to face towards this same society, due to sexual differences. Related to identity, and more specifically, female identity, one used authors, such as: Hall (2006), and Zinani (2006). In *Bliss*, by Katherine Mansfield, one will, briefly, analyze the protagonist Bertha Young by verifying the sentiment of bliss in an only one day. On doing so, one observes irony suggested by the narrator through this “explosion of happiness”, performed by the protagonist. This sensation awakens the eagerness for freedom in the protagonist, which were hardly to reach by women of the nineteenth century in the English patriarchalist era.

KEY WORDS: Patriarchy. Gender. Bliss. Epiphany.

1. INTRODUÇÃO

O título de uma obra é fundamental na arte de escrever. Autores de textos literários sabem a importância de escolher bem o título de sua obra, pois é através deste título que o leitor vai ou não se interessar pela mesma. Então, por que *Bliss*? O que este conto nos diz com a escolha do termo *Bliss* e não *Happiness*?

Bliss é uma palavra inglesa sem tradução exata em português. Felicidade plena, êxtase, euforia, entusiasmo são algumas traduções possíveis. Porém, nenhuma abrange todo o significado. Ao ler o título do conto, o leitor tem uma impressão antecipada de que vai ler um enredo com final feliz.

O título *Bliss* tem a função de levar o leitor a ficar curioso diante da obra. Em primeiro lugar, o título nos conduz a pensar e a procurar o significado da palavra *Bliss*, o que não é fácil, porque não existe uma definição exata em português. Nesse conto de Mansfield é notável que a narradora mostra a intenção de ironizar e criticar a sociedade, bem como condição das mulheres à época do século XX.

A autora expressa sua indignação em relação à sociedade patriarcal inglesa, através do título da obra, porque uma mulher não poderia estar em total êxtase na situação em que se encontrava naquela sociedade, que tinha a mulher como uma serva. Fosse ela da elite ou da classe média, sua vida se passava absolutamente no interior da casa, realizando seus trabalhos domésticos. A mulher também estava associada à ideia de inferioridade física e mental.

O enredo de *Bliss* nos leva a uma análise a respeito da posição e do papel da mulher na sociedade inglesa vitoriana, através de sua protagonista Bertha Young. Então, a escolha do título do conto de Mansfield, parece-nos, intenciona causar muitas reflexões acerca das oportunidades de felicidade e de libertação para as mulheres à época mencionada.

A mulher é colocada em condição de desigualdade de oportunidades e de direitos entre homens e mulheres em todos os aspectos, como: trabalho, educação, arte etc. O discurso hegemônico na época do século XIX afirmava

que as mulheres eram inferiores física e mentalmente, e, portanto, incapazes de produzir literatura.

Porém, neste conto, percebemos um discurso transgressor à ordem patriarcal que é constituído a partir da posição da narradora, imersa em seus pensamentos mais íntimos. Tal foco narrativo é entendido aqui como fluxo da consciência e é esta mesma forma de contar o enredo que se concretiza o efeito estético no texto em análise, ou seja, a epifania da narradora-personagem, conforme se há de mostrar.

2. O Discurso Patriarcal e a Identidade Feminina

As mulheres do século XX nasciam e morriam trabalhando para servirem à família. Para elas, não era permitido outro papel a não ser o do lar e o da maternidade.

O papel das mulheres era ensinado culturalmente e este transitava entre ser mãe e ser esposa, ou seja, a educação era limitada a aprender a cozinhar, bordar, costurar que eram tarefas estritamente domésticas. Eram caracterizadas como impotentes, em outras palavras, frágeis e possuidoras de pouca inteligência.

Isso era o que afirmava a lógica patriarcal, pois, dentro desta ordem, era preciso manter as mulheres afastadas dos espaços públicos, quer dizer, do convívio na sociedade. Para a mulher só era permitida a convivência no espaço privado. A negação dos espaços públicos afastava a mulher da educação formal, uma vez que não era permitido o acesso à escola.

O patriarcado é um sistema repressor que está em vigor até os dias de hoje e tem como representação simbólica o poder falocêntrico. Esta ordem priva as mulheres de possuir qualquer tipo de bem, seja móvel seja imóvel. Dessa forma, a mulher tem uma autoridade vigiada no âmbito familiar, posto que se estabelece a necessidade de uma negociação com o discurso patriarcal para que alcance o poder de decisão na esfera privada.

A condição feminina, de acordo com o poder patriarcal, era de total opressão. As mulheres eram aprisionadas à situação familiar e à estrutura dessa sociedade. A mulher teve sua habilidade podada devido a esse sistema opressivo. Tal fato justifica-se em:

Mas o que acho deplorável, prossegui, percorrendo novamente com olhar às prateleiras da estante, é o fato de não saber nada sobre as mulheres antes do século XVIII. Não tenho na mente nenhum modelo para virar de um lado para o outro. Eis-me aqui a perguntar por que as mulheres não escreviam no período elisabetano, e nem tenho certeza de como eram educadas: se aprendiam a escrever; se tinham salas de estar próprias; quantas mulheres tiveram filhos antes dos vinte e um anos; o que, em suma, faziam elas das oito da manhã às oito da noite. Não tinham dinheiro, decerto; segundo o professor Trevelyan, eram casadas, quisessem ou não, antes de largarem as bonecas, aos quinze ou dezesseis anos (WOOLF, 1985, p. 58).

Este mesmo discurso apresenta a imagem de que a mulher era frágil e incapaz de assumir a chefia da família. A função de mantenedora da espécie, que lhe cabia, favoreceu a sua subordinação ao homem. Este, devido a sua força física e ao seu poder de comando, assumiu o poder dentro de uma sociedade viril. As sociedades patriarcais eram centralizadas no poder total do homem que era o chefe de família.

A identidade feminina, definida pelo discurso patriarcal, é a de que a mulher era reconhecida apenas pelos seus dotes de boa dona-de-casa, pois ela vivia em função da vida privada. No entanto, este conceito de identidade tem sido discutido em virtude da mudança de paradigma na discussão dos estudos culturais.

A questão da identidade em Hall (2006) acompanha essas mudanças da teoria social. Este autor argumenta que as velhas identidades estão em declínio. O surgimento de novas identidades, essas que estão se fragmentando, o sujeito pós-moderno leva a uma “crise de identidade” que é vista como um reajuste que abala as estruturas e os processos das sociedades modernas.

O objetivo em Hall (2006) é analisar questões a respeito da identidade cultural na pós-modernidade e observar a existência de uma “crise de identidade”, como se deu essa crise e que direção ela está tomando. Uma nova mudança estrutural transformou as sociedades modernas. A pós-modernidade propicia a fragmentação da identidade.

Conforme esse crítico da cultura, as questões culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade não mais fornecem “sólidas localizações” para os sujeitos. O que existe agora é o descentramento, ou seja, os deslocamentos e a ausência de referentes fixos ou sólidos para as identidades.

Stuart Hall chama a atenção para a discussão em torno da chamada “crise de identidade” que vem fazendo com que o sujeito, tido como unificado, apresente-se deslocado por conta das transformações da sociedade. Tais transformações são decorrentes do amplo processo de mudanças ocorridas nas sociedades modernas.

Essas mobilidades se caracterizam pelo deslocamento das estruturas e pelos processos centrais dessas sociedades, abalando os antigos quadros de referência que proporcionavam aos sujeitos uma estabilidade no mundo social.

No livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, Stuart Hall mostra os conceitos de identidade ilustrando que o sujeito do Iluminismo tinha como base o conceito de centralidade na pessoa humana e na racionalidade. Já o sujeito sociológico seria caracterizado por sua capacidade de interação com o mundo e o sujeito pós-moderno seria composto por várias identidades.

Apoiada nas discussões acima apresentadas, identificamos em Bertha Young um sujeito reivindicador e em conflito (diferentemente do sujeito acomodado, típico ao daquele cuja identidade é fixa) porque, apesar de ela não estar satisfeita com sua vida, ela, em nenhum momento, tem suas vontades saciadas.

Ela não quer a vida que a sociedade lhe exige. Sendo assim, a protagonista do conto *Bliss*, que colocamos em análise nesta pesquisa, apresenta-se com essas identidades móveis das quais Hall (2006) fala. Ela é obrigada a assumir identidades diferentes em momentos diferentes do seu cotidiano, identidades essas que não são coerentes entre si. Conforme se vê em:

“Telefone para a senhora” – disse Nanny, voltando em triunfo e pegando a sua criança. Bertha desceu correndo. Era Harry.

“Ah, é você, Ber? Olhe, vou chegar tarde. Tomarei um táxi e irei tão depressa quanto puder; mas sirva o jantar dez minutos mais tarde, sim? Tudo bem?”

“Sim, perfeitamente. Ah, Harry!”

“Sim?”

O que tinha ela para dizer? Nada. Queria apenas prolongar aquele contato. Não podia só gritar absurdamente: “O dia hoje foi tão maravilhoso!”

“O que é?”- tornou a voz de longe.

“Nada.Entendo” – disse Bertha, colocando o fone no lugar e pensando o quanto a civilização é idiota” (MANSFIELD, 1991, p.12).

No trecho citado acima é possível notar que a personagem tem que ser dona-de-casa, mãe, esposa e ainda uma mulher crítica. Atendendo aos pedidos do marido, falando ao telefone e concordando com suas vontades, mesmo discordando, e com vontade de perguntar por que Harry se atrasaria, mas, isso não sendo permitido. Mas ela não está feliz com essa situação deixando bem claro com sua crítica no final do trecho. Bertha Young expressa nesta parte uma de suas revoltas contra a sociedade na qual ela está inserida. A protagonista contesta, pois não se adequa aos padrões estabelecidos. Desta forma, percebemos que a narradora-personagem desse conto transgredir a ordem patriarcal e se aproxima dos preceitos de sujeito pós-moderno.

Mais adiante, a identidade feminina em Zinani (2006) é organizada nas práticas de análise do discurso na relação entre sujeito e objeto e é formada principalmente por elementos cognitivos importantes, como as lembranças e os conhecimentos que são guardados na memória.

No conto em questão, a mulher representa as suas experiências vividas, por meio de sua própria fala (narradora). Portanto, este conto quebra a tradição da cultura patriarcal, utilizando um discurso em que se observa um novo sujeito, com novas opiniões sobre si mesmo e sobre o mundo.

A superação de limites impostas pelo patriarcado é alcançada quando se dá a voz à personagem feminina. Desta forma, Bertha Young se apresenta forte e não submissa à ordem social da época, sem, contudo, perder suas características femininas.

Bertha Young é apresentada no conto como uma típica mulher burguesa da sociedade da época, realizada e feliz que é possuidora de, supostamente, tudo que uma mulher necessitava para ser feliz na época. Ela tinha trinta anos e é bem casada. Seu marido é rico e lhe proporciona uma vida luxuosa. Também tem uma filha ainda bebê e seus amigos são pessoas importantes e fazem parte da alta sociedade. Sua casa é cheia de empregados que estavam sempre a sua disposição.

Do ponto de vista da sociedade, Bertha Young devia sentir-se gratificada, pois não há nenhum motivo para ela estar insatisfeita em seu papel de dona-de-casa, esposa e mãe, atendendo, assim, às necessidades da casa e da família. No entanto, ela mostra revolta contra as regras da sociedade patriarcal em que a mulher é submissa e se diz satisfeita e feliz. O que se observa nos solilóquios de Bertha Young é uma ironia que põe em crise a ordem patriarcal.

O solilóquio é uma técnica usada, de forma dramática ou literária do discurso, em que a personagem extravasa de maneira ordenada e lógica os seus pensamentos e emoções em monólogos, sem dirigir-se especificamente a qualquer ouvinte, segundo Carvalho (1981).

O solilóquio tem o sentido de 'falar sozinho'. Nesta arte, o enunciador dialoga consigo mesmo ou com sua alma, com a diferença de que não resume seus pensamentos ao plano de sua consciência, mas os enuncia em voz alta diante de outra pessoa, embora ignore sua presença. No conto em questão, podemos observar em vários momentos os solilóquios de Bertha Young, em especial neste: "Por quê? Por quê? Por que a classe média é tão tola, tão completamente desprovida de senso de humor?!" (MANSFIELD, 1991, p.13)

A protagonista do conto referido enfrenta sua difícil realidade de ser mulher em uma sociedade totalmente patriarcal e desigual onde a mulher não tem direitos, mas apenas deveres domésticos. Ela não se conforma com as regras impostas para essa sociedade. E essa postura é o que garante a ironia estrutural do texto. Podemos observar nesta citação:

Que absurdo! Para que ter uma criança, se ela deve ser guardada – não em caixa, como um violino raro, mas nos braços de uma outra mulher?

"Não, é assim que eu quero" (MANSFIELD, 1991, p. 12).

Bertha Young sente que sua vida, aparentemente feliz, não é o bastante para a sua completude. A narradora-personagem se expressa através de solilóquios, os quais constituem os seus questionamentos existenciais.

Ela observa a babá cuidando de sua filha e pergunta como foi o dia. A Nanny diz que elas foram ao parque, onde encontraram um cachorro enorme que foi acariciado pela filha de Bertha Young. A protagonista não se atreve a dizer à babá que é perigoso deixar a criança acariciar um cachorro estranho. A

babá tem autoridade de tomar decisões em relação ao bebê. Bertha Young pede para terminar de dar o jantar da *Little B.* (seu bebê), mas a Nanny resiste afirmando que não seria bom trocar de mãos enquanto ela come, depois concede o pedido. A protagonista não se conformava com aquela situação que lhe é imposta.

Dessa forma, a ironia de seu discurso surge como uma transgressão à ordem social a que está submetida. Ela sente-se fechada para a sociedade, impedida de viver. Pode-se perceber a sua revolta quando ela diz “Para que termos um corpo, se somos obrigados a mantê-lo encerrado em uma caixa, como se fosse um violino raro, muito raro?” (MANSFIELD, 1991, p.11).

Aqui, a personagem já demonstra sua revolta por ter limitações em tudo o que faz, pois ela necessita da liberdade que lhe é privada. Bertha Young faz uma comparação da mulher com um objeto belo que custa caro, além de ser usado até como peça de decoração e *status*.

Logo, ela se sente como esse objeto raro que é trancafiado em uma caixa. Ela é como esse instrumento musical, que é intocável, que está fechado em um estojo, pois não lhe é permitido expressar seus sentimentos e suas vontades.

3. A Epifania em forma de Ironia, em *Bliss*

A ironia em *Bliss* se concretiza logo no início da narrativa, quando Bertha Young expressa inicialmente esse êxtase que concretiza o seu verdadeiro estado de espírito. Este mesmo tom irônico sugere que Bertha Young não tem uma vida satisfatória. Consequentemente, a personagem entra em um processo de racionalização acerca dos motivos de sua felicidade.

As constantes afirmativas da personagem de que possui uma felicidade intensa sugere que ela quer acreditar possuir essa vida e ter autonomia sobre si. A repetição é usada como um meio de ela mesma acreditar neste ânimo transbordante, quase ultraterreno. Onde podemos mostrar:

Havia tangerinas, laranjas e maçãs, misturadas com o vermelho dos morangos. Algumas peras amarelas, lisas como seda, uvas brancas,

cobertas por uma florescência prateada, e um grande cacho de uvas rochas. Estas últimas, ela havia comprado para combinar com o tapete novo da sala de jantar. Sim aquilo parecia bastante afetado e absurdo, mas era realmente a razão pela qual ela tinha as comprado. Na loja, havia pensado: “preciso de algumas frutas cor de púrpura pra aproximar o tapete da mesa.” E na ocasião isto pareceu fazer muito sentido. Terminado o arranjo, duas pirâmides de forma arredondada, ela se colocou a certa distância para ver o efeito – e estava realmente muito curioso, pois a mesa escura parecia dissolver-se na luz fosca e tanto a tigela de louça como a travessa azul pareciam flutuar no ar. Isso, é claro, naquele estado de espírito que ela se encontrava, era tão incrivelmente belo... Ela começou a rir. “Não, não. Estou ficando histérica” (MANSFIELD, 1991, p.11).

No excerto acima, podemos perceber através do solilóquio da personagem, que ela evidencia seus pensamentos e emoções de maneira moderada, sem dirigir-se a um ouvinte específico. Mostra também esse fluxo de consciência onde a protagonista apresenta sua consciência, sem interferência da autora ou de qualquer elemento discursivo que seja externo ao universo da personagem.

Bertha Young mostra a hipocrisia da sociedade durante o momento do jantar. Essa sugestão de denúncia se dá através das descrições dos seus convidados: os Norman Knights, Eddie Warren e Pearl Fulton, dando adjetivações a cada um deles. Os primeiros, um casal distinto – ele planejava abrir um teatro; ela gostava de decorar interiores. A Sr^a Knight é caracterizada como hilária, usa “o mais estranho casaco cor de laranja, com uma fileira de macacos pretos em volta da barra, subindo na parte da frente” (MANSFIELD, 1991, p.13); e também traja um vestido amarelo de seda.

A protagonista imagina que o mesmo tenha sido feito com cascas de banana, Bertha Young ainda pensou que depois que ela tirou o casaco “ela parece um macaco muito inteligente” (MANSFIELD, 1991, p.14). Eddie Warren, por sua vez, é caracterizado como um homem magro, pálido e aflito, é escritor.

Pearl Fulton, sempre muito misteriosa, é uma amiga recente que a protagonista conheceu no clube. Durante o jantar, através de um momento de solilóquio, Bertha Young pensa: “[...] o quanto eles eram encantadores e que grupo decorativo formavam; como eles pareciam avivar uns aos outros e como eles lhe faziam lembrar uma peça de Tchekov!” (MANSFIELD, 1991, p.15).

Os convidados são caracterizados como superficiais e fúteis por sua conversa fiada. No final da cena, quando estes estão indo embora, a

protagonista descobre que está sendo traída pelo marido e que ele trouxera a amante para dentro de sua própria casa. A amante é uma de suas convidadas para o jantar, Pearl Fulton.

Mansfield serve-se da técnica do fluxo de consciência, através do qual o leitor pode se transportar para o interior da mente da narradora-personagem e descobrir seus pensamentos secretos e misteriosos, tornando assim assustadoras as descobertas do crescimento psicológico.

No caso de Bertha Young, podemos destacar três momentos em que o fluxo de consciência nos é mostrado. O primeiro ocorre logo no início do conto, quando ela está voltando para casa, caminhando com as compras para o jantar, sentindo-se viva e feliz com a vida que tem e com essa sensação de êxtase (*Bliss*).

O que pode alguém fazer quando tem trinta anos e, virando a esquina, de repente, é tomado por um sentimento de absoluta felicidade – felicidade absoluta! – como se tivesse engolido um brilhante pedaço daquele sol da tardinha e ele tivesse queimando o peito, irradiando um pequeno chuveiro de chispas para dentro de cada partícula do corpo, para cada ponta de dedo? Não há meio de expressar isso sem parecer “bêbado e desvairado?” Ah! Como a civilização é idiota! (MANSFIELD, 1991, p.11).

Notamos que, pelo fato de a narradora e da personagem principal serem os mesmos sujeitos, suas falas e pensamentos são sobrepostos. A narradora completa sua fala com os pensamentos da personagem. O segundo fluxo de consciência acontece ao final do mesmo dia, após o jantar oferecido aos amigos.

Bertha Young vê, em silêncio, seu mundo estável desmoronar ao ver seu marido Harry beijar sua amiga Pearl Fulton e chega à conclusão de que eles têm um caso, amiga esta que Harry finge desprezar. O terceiro fluxo da consciência acontece após a descoberta da dupla traição que a protagonista sofre. Bertha Young corre para as janelas largas do jardim e pensa: “Deus! O que vai acontecer agora?” (MANSFIELD, 1991, p.18).

Certo dia ela é tomada por uma felicidade forte e intensa, passagem em que se mostra ao leitor o sentimento de êxtase absoluto da personagem em vários momentos. Esse mesmo sentimento de euforia é mostrado, em especial, quando ela está à janela, contemplando o seu jardim. A pereira plantada no jardim de Berta Young é o que mais reflete seus sentimentos. Quando Bertha

Young descreve a árvore, podemos observar que a pereira sugere a ela uma representação da sua própria vida,

As janelas da sala abriam-se para um balcão, e davam para um jardim. No fundo, perto do muro, havia uma esguia pereira, toda florida, esplêndida, que permanecia imóvel contra o céu verde-jade. Eu não podia deixar de sentir, mesmo a essa distância, que não havia um só botão do por abrir, nem uma pétala murcha (MANSFIELD, 1991, p.13).

Logo depois da visão magnífica da árvore, a protagonista vai vestir-se para o jantar que ela irá oferecer para seus amigos. E não é por acaso que a narradora-personagem está naquela noite especial trajando um vestido branco, um colar de pedras de jade, sapatos verdes e meias, quase uma imitação total da pereira. É possível sugerir que Bertha Young é a própria árvore, é o que se nota na passagem em que “as dobras de sua saia produziram um suave farfalhar ao deslizar rente ao chão” (MANSFIELD, 1991, p.13). Enquanto admira a pereira, ela vê, sob uma perspectiva infeliz:

um gato cinzento, arrastando-se de barriga, esgueirava-se através do gramado, e um gato preto, como se fora sua sombra, ia logo atrás. Ela tremeu, curiosamente, ao vê-los tão atentos e rápidos (MANSFIELD, 1991, p.13).

Nesse ínterim, Bertha Young vê dois gatos, um cinzento e outro preto. A personagem sente um arrepio com a passagem dos dois gatos, tão rápido, e somente mais tarde o leitor consegue compreender esse mau presságio que Bertha Young havia sentido. De certa forma, esse súbito pressentimento simboliza o que ainda estava por acontecer na vida da personagem, pois a mesma tem os gatos como bichos horríveis e aquela visão de natureza quase sobrenatural a assusta. Quando os vê, ela logo se afasta da janela.

Aqui é exposto o momento de epifania do conto, ou seja, é mostrada a súbita sensação de realização da personagem. Porém, logo em seguida, ela sente medo e chega a tremer ao ver a imagem dos gatos. Na literatura a epifania é um modo de mostrar uma definição, algo que o escritor literário quer que o seu leitor perceba exatamente o que ele quer dizer, que o leitor entenda completamente o que está sendo lido. Segundo Aguiar e Silva (1976), a epifania “é deixar, ou seja, tornar legível o que só o autor entende e quer que todos os leitores vejam do mesmo jeito” (Aguiar e Silva, 1976, p. 154).

Dessa forma, começam a surgir os primeiros questionamentos de Bertha Young acerca de sua liberdade. Ela tem vontade de viver e de se expressar verdadeiramente. Ainda percebemos que a narradora-personagem, na cena acima descrita, começa a enfrentar seus próprios medos, na certeza de que por mais que se fuja deles, eles sempre a acompanharão.

A protagonista sente que não está satisfeita com suas lindas roupas, jóias e sapatos; com sua casa, seus bens etc. Enfim, sua vida, nada que a rodeia a satisfaz. A felicidade que ela conhece é apenas viver confortavelmente dia após dia, aliada à segurança financeira. Na realidade de Bertha Young o que ela diz que era preciso para ser feliz não lhe satisfaz, pois nada disso consegue deixá-la feliz. Ela quer liberdade de sair, de poder falar, de poder se impor diante do que não lhe agrada, mas a sociedade não lhe permite nada, muito menos a felicidade total que ela deseja.

As constantes afirmativas de Bertha Young de quanto ela é feliz, na verdade, estão sugerindo que ela tente ser feliz na sociedade patriarcal, com todas as regras impostas à mulher, onde ela é forçada, de certa forma, a ocultar seus sentimentos, pois ela não pode aparecer na sociedade.

Bertha Young é indignada com o sistema social e expressa sua revolta por não poder cuidar da própria filha, ou seja, sem poder estar com ela. A protagonista não aceita o destino de mulher que lhe foi traçado. É desta maneira que se concretiza a sua angústia e se estabelecem os seus conflitos.

A protagonista expõe sua total recusa aos padrões da sociedade que submetem a mulher a viver de acordo com a dominação moral do patriarcado. Ela transgredir, a partir do momento em que deseja se tornar livre dessa dominação.

A epifania do conto está bem clara nas manifestações de Bertha Young, onde ela faz aparecer seu conceito diante daquela sociedade que só impõe regras para a mulher. As expressões dela nos mostram plenamente o que Mansfield quer que o leitor entenda que é a revolta da protagonista.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do contexto sociohistórico e político em que Bertha Young se encontra, a protagonista aponta um certo conflito por não se sentir enquadrada nesse meio de opressão.

As proibições impostas às mulheres da época do século XIX submetiam-nas, apenas, aos trabalhos da casa, impedindo assim o desenvolvimento para escrever e elaborar obras literárias. As condições materiais da mulher segundo Woolf (1985), influenciam decisivamente na produção literária feminina, a negação de educação, renda, propriedade etc. São elementos que influenciam na ausência da produção intelectual da mulher da época do século XIX. Logo no início do livro de Woolf (1985), ela indica essa relação na citação abaixo

Tudo o que poderia fazer seria oferecer-lhes uma opinião acerca de um aspecto insignificante: a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção; e isso, como vocês irão ver, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção (WOOLF, 1985, p. 08).

As condições materiais são compreendidas como um conjunto de elementos que influenciam diretamente na produção literária. A autora do livro "Um teto todo seu" fala das leis discriminatórias impostas pelo patriarcado, da divisão de trabalho, o papel das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos, que eram dever da mulher na "divisão sexual do trabalho".

Bertha Young não quer escrever, mas tem seus desejos de libertar-se dessa sociedade onde ela era refém de um processo de aprisionamento e opressão na sociedade em que vivi, posto que esta é desigual e patriarcal.

A atitude moral que seria esperada pelos padrões sociais e culturais da sociedade inglesa do século XIX, que é determinada pela perspectiva da dominação patriarcal, era que as mulheres aceitassem sua condição submissa e, de modo algum, ficassem insatisfeitas com a situação em que viviam. Bertha Young não aceitava esse modo de vida que a sociedade determinava para as mulheres.

Em *Bliss* todo o enredo se passa na própria casa da protagonista, espaço que deveria ser de total liberdade e não uma prisão. Por ser uma

mulher do gênero feminino não é possível que ela aja conforme a sua própria vontade, sem amarras e julgamentos, sem ordens da própria babá com relação à sua própria filha. Em *Bliss* é mostrada a hipocrisia dessa sociedade machista, onde a mulher enfrenta preconceitos sociais. Bertha Young busca sua libertação, de fazer suas escolhas sem estar escondida por trás de regras e imposições sociais estabelecidas por homens.

5. REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco Narrativo e Fluxo da Consciência**: questões de teoria literária. São Paulo: Livraria Pioneira, 1981.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

MANSFIELD, Katherine. **Felicidade e Outros Contos**. Trad. Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 1991, pp. 11-8.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e Gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.

WOOLF, Virginia. **Um Teto Todo Seu**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Nova Fronteira, 1985.